

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Alessandra Maria Nassar Gouvêa Afonso

**A Exposição Do Corpo Infantil E
Adolescente Pela Mídia
Impressa**

Campinas
2005



Alessandra Maria Nassar Gouvêa Afonso

A Exposição Do Corpo Infantil E Adolescente Pela Mídia Impressa

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Elaine Prodócimo

Campinas
2005

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
CC/Unicamp
Af66e
Ex 5635
MABO BC/
RFCD 11,00
ATA 22/12/05
CPO 375238
200500535

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

Afonso, Alessandra Maria Nassar Gouvêa.
Af66e A exposição do corpo infantil e adolescente pela mídia impressa
/ Alessandra Maria Nassar Gouvêa Afonso. - Campinas, SP: [s.n],
2005.

Orientador: Elaine Prodocimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Corpo. 2. Adolescentes. 3. Mídia. I. Prodocimo, Elaine. II.
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação
Física. III. Título.

Alessandra Maria Nassar Gouvêa Afonso

A Exposição Do corpo Infantil E Adolescente Pela Mídia Impressa

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Alessandra Maria Nassar Gouvêa Afonso e aprovado pela Comissão julgadora em: 21/11/2005

Elaine Prodócimo
Orientador

Kátia Danailof
Banca examinadora

Campinas
2005

Dedicatória

Dedico este trabalho a meus avós, eternos amores e guias espirituais, principais responsáveis pela pessoa que me tornei. Amo vocês...

Agradecimentos

Enfim, chegou a hora que eu mais desejava, agradecer. Agradecer a pessoas que fazem parte da minha vida e que me ajudaram não só a me inspirar neste trabalho, mas também me deram força durante as pedras que encontrei por este ainda curto, mas intenso tempo de vida.

Agradeço a Deus pela minha fortaleza e determinação, e também por permitir que pessoas tão especiais atravessassem meu caminho.

Agradeço de todo o meu coração a minha mãe. Sem ela, não conseguiria ter alcançado mais essa vitória, devido a sua força de sempre para lutar comigo em todos os sentidos. Te amo...

Como não agradecer minha linda orientadora Elaine... Obrigada por me acolher de braços abertos naquela época tão difícil para mim. Obrigada, principalmente, pela pessoa que você é acima de tudo.

Valeu minhas primas Dani, Fé, Rê, Carina, Gabi e meus primos Henrique, pela maturidade que me inspira, e Gu, pelos momentos filosóficos.

Valeu Gláucia e Ana Paula, pela sincera amizade.

De todo o coração, agradeço a minhas amigas santarritenses, Michelinha, Ju e Carol, pela eterna cumplicidade. E também minhas amigas "campinenses" Sâmara, Aninha, minhas irmãs; Vick, meu xodó; Lelê, minha mãe de Campinas e Noêmia, por me ajudar nos momentos difíceis e nas brigas com o computador.

Valeu Tia Adriana, Tio Lú, Tio Edson, Tarzan e todos os meus queridos " tios e tias"...

Como esquecer de meus lindos amigos baianos? Valeu George, Japa, Nagato e Thiago B4, pelas vezes que precisei recarregar minhas energias durante esses 5 anos com o astral lindo de vocês...

Valeu Breno, meu eterno irmão. Mazzuco, Cazé e Danilão, pelos choros, bagunças e pagodes.

Agradeço também aos meus alunos da motorola, que a cada dia renovam meu espírito e fortalecem minha vontade de continuar sendo professora...

VALEU GALERA!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Afonso, Alessandra. **A exposição do corpo infantil e adolescente pela mídia impressa**. 2005. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

O conceito de criança que vem sendo construído e reforçado pelas imagens veiculadas pela mídia todos os dias em programas de tevê, comerciais de vendas dos mais diversos produtos, revistas, outdoors e desenhos animados foi um fato que me levou a realizar esse trabalho. Neste estudo pretendo analisar qual a imagem de criança veiculada pela mídia impressa por revistas destinadas ao público infantil e adulto e a possível influência dessa imagem nos comportamentos, modos de vestir, agir e pensar das crianças na construção social do próprio corpo. Através de um estudo bibliográfico procuro caracterizar a infância em seu aspecto histórico e compreender o papel da mídia nesse contexto. Pelo estudo iconográfico, selecionei imagens de revistas do mês de junho direcionadas ao público adulto: Meu Nenê e Crescer; e ao público infanto-juvenil: Atrevidinha e Atrevida. As imagens foram analisadas sob as seguintes questões: qual o corpo que aparece com relação à etnia e gênero; o que este corpo vende e qual a imagem de criança que ele constrói. Concluí que a maioria dos corpos que aparecem são de crianças brancas, sendo a maioria, meninas que vendem produtos de criança e de adulto, além de vender também sua própria imagem, reforçando uma série de preconceitos sociais como que, para ser “normal”, deve-se ter um corpo magro, branco e heterossexual.

Palavras-Chaves: infância; corpo; mídia; imagem.

Afonso, Alessandra. **A exposição do corpo infantil e adolescente pela mídia impressa**. 2005. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The children conception that is been build thought out the images shown every day on television shows, advertisement of many products, magazines, outdoors and cartoons was the fact that brought me to realize this work. In this study I am aiming to analyze what is the children's image on children's and adult's magazines and the possible influence that they has at some children behavior such as dressing, act and think and on theirs social body image. Using a bibliographic study I look out to characterize childhood at your historic aspect and comprehend the mass communication's role. By the iconographic study I selected images from June adult's magazines: "Meu Nenê Crescer"; and a from a children's magazine: "Atrevidinha e Atrevida". The images were analyzed based on these questions: which body is shown related to it's gender and it's ethnic group; what is the body selling and what is the children 's body image that is been built. I concluded that most body that appears are from white children, mostly, girls selling children's and adult's products. This images are also reinforcing some social prejudices were to be "normal" you must have a thin body, white skin and be heterosexual.

Keywords: childhood, body, image, mass communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Revista Crescer, Editora Globo, maio 2005, ed 138	26
Figura 2 -	Revista Meu Nenê, Editora Símbolo, junho 2005	27
Figura 3 -	Atrevidinha, Editora Símbolo, junho 2005, n.14	30
Figura 4 -	Atrevidinha, Editora Símbolo, junho 2005, n. 14	31
Figura 5 -	Atrevida, Editora Símbolo, junho 2005, n. 13	33
Figura 6 -	Acampamento dos sem-terra em Rosa do Prado, Itamaraju, Bahia- Brasil, 1996	37
Figura 7 -	Centro para revitalização cultural dos índios Macuxi em Maturuca, Roraima- Brasil, 1998	38
Figura 8 -	Crianças Ianomâmi em Xeréu – Theri, na área de Homoxi, Roraima, Brasil, 1998	39

SUMÁRIO

1 Introdução	01
1.1 Objetivo.....	03
2. Método.....	04
3. A infância.....	05
3.1 Da imagem da inocência à pedofilização.....	05
3.2 Considerações sobre gênero.....	08
3.3 Adolescente ou criança.....	12
3.4 Sobre a sexualidade infantil.....	14
3.5 A educação das crianças.....	18
3.6 A mídia também educa.....	21
4. Análise das imagens.....	25
5. Considerações finais.....	36
6. Referências Bibliográficas.....	40

1. Introdução

Estava eu em uma aula sobre a infância e o corpo infantil numa disciplina da faculdade, quando me deparei com imagens, não de crianças, mas de pequenos homens e mulheres em miniatura, principalmente as meninas: crianças de sapato de salto, maquiadas e vestindo roupas sensuais. Eram crianças que participavam de desfiles e concursos de beleza e de talentos, visando à vitória a qualquer preço. No mesmo fim de semana, viajei para a casa de minha mãe em Minas e lá, presenciei uma cena que me chocou: minha priminha de apenas um ano e três meses experimentando roupas e biquíni e desfilando para a família, que, empolgada, aplaudia-a a cada roupinha mais curta e justa.

Esta cena é uma expressão do conceito de criança que vem sendo construído e reforçado pelas imagens veiculadas pela mídia todos os dias em programas de tevê; comerciais de vendas dos mais diversos produtos infantis ou não tão infantis assim, como roupas da moda e maquiagens; revistas; outdoors e até em desenhos animados.

No atual auge da tecnologia, a imagem se tornou o artifício mais fácil e encantador para se educar as pessoas, construir paradigmas, criar necessidades de consumo e verdades incontestáveis. A imagem seduz, fantasia e ilude o expectador, que vê nela um espelho capaz de projetar o seu ideal de felicidade ao mesmo tempo em que aponta os seus vícios, ou seja, os “males” presentes no contemplador da imagem que não corresponde com o “ideal” apresentado pela ilustração.

De acordo com Almeida (apud Soares 2002), além de a imagem ser vista pelo olhar, ela também é lida pelo olhar, pois sua forma, linhas, superfícies e perspectivas são também os significados que se pretendem mostrar, tornando-se signos que possibilitam a leitura dessa imagem.

Neste trabalho, procuro reconstruir imagens de crianças, vendo-as e lendo-as, pois nelas há sempre algo visto e algo não visto, portanto, não lido. Para ler as imagens selecionadas, tomo como referência alguns estudos sobre a história e o conceito da infância e o corpo infantil e sua comercialização.

As imagens atuais dos corpos infantis veiculadas pelos meios de comunicação expõem o padrão corporal e o tipo biológico que as crianças devem apresentar, sempre no sentido de “adultizar” o corpo infantil, desprezando a infância. Além de estereótipos

biológicos, essas imagens também estão carregadas de valores sociais, influenciando nos modos de pensar e agir das crianças.

Historicamente, sem recorrer ainda a conceitos que discorrem sobre a infância sob dimensões biológicas, sociais ou culturais, tende-se a pensar a infância como sendo somente um período da vida que precede a idade adulta, definição que toma o tempo como dimensão específica. Já o conceito biológico de infância centra-se no desenvolvimento fisiológico da criança, ou seja, pressupõe que todas as crianças possuem as mesmas características de desenvolvimento. Um outro conceito de infância remete à idéia de natureza humana: “a infância, origem individual do homem, representa igualmente o estado originário da humanidade e exprime, assim, os traços essenciais da natureza humana” (Charlot 1983, p.101).

A perspectiva de infância em que me baseio para esse estudo não se restringe somente à natureza biológica ou humana, mas também integra critérios sociais. Assim, considera-se que o conceito de criança é uma construção da cultura da sociedade em que ela está inserida, ou seja, diferentes culturas produzem diversas infâncias. Esta perspectiva histórica nos permite considerar que as crianças são sujeitos ativos e portadores de grande capacidade para produzir cultura e reivindicar seus direitos, espaços, tempos e brinquedos, acabando por desconsiderar a idéia de que elas são objetos passivos de socialização determinada pelas instituições ou pela família e de que são incapazes de defender seus interesses.

De acordo com Sarmiento e Pinto (apud Sayão 2003), devemos estudar as crianças a partir delas próprias, ou melhor, dos saberes que as crianças possuem de si próprias, levando em conta suas trajetórias e contextos de vida, desmitificando o adultocentrismo e conscientizando de que “antivalores” como hierarquia, poder e dominação da criança por parte do adulto e, conseqüentemente, por parte da mídia, também precisam ser desmitificados.

A erotização do corpo infantil, reforçada pelo incentivo dos meios de comunicação de massa, tornou-se tão normal, que os educadores raramente abordam a questão da atual imagem veiculada do corpo infantil de uma maneira crítica em seu processo educativo. São poucos os estudos que tratam de analisar profundamente o assunto.

Acredito, assim, colaborar para uma maior reflexão sobre o tema entre nós, professores e professoras, a fim de estimular uma visão mais crítica em nossos alunos durante o processo docente, com relação ao poder de influência e alienação da mídia, que acaba ditando regras sociais e criando estereótipos para as pessoas denominadas “normais” se enquadrarem.

E tratando especificamente da educação física, espero, com este trabalho, poder provocar uma discussão acerca do modelo de corpo reforçado pelos meios de comunicação de massa e tão pouco discutido na área. Um corpo magro, livre de “vícios”, heterossexual... Enfim, um corpo dito “saudável”. Discussão que deveria estar presente nas academias, clubes e, principalmente na educação física escolar, pois crianças cada vez mais jovens estão “marcando” seus corpos pelos estereótipos exigidos pela mídia. E como a educação física é a disciplina responsável pelas manifestações da cultura corporal, cabe a ela uma discussão mais aprofundada sobre os modelos de corpo vigentes e seus valores na sociedade.

1.1 Objetivo

Neste estudo, pretendo analisar qual a imagem de criança veiculada pela mídia impressa por revistas destinadas ao público infantil e adulto e a possível influência dessa imagem nos comportamentos, modos de vestir, agir e pensar das crianças na construção social do próprio corpo.

2. Método

Este trabalho se caracteriza por um estudo bibliográfico, que busca caracterizar a infância em seu aspecto histórico e compreender o papel da mídia nesse contexto; e iconográfico, cujas imagens foram selecionadas através de revistas direcionadas à infância, e revistas direcionadas a pré-adolescentes, para se analisar o quanto estas imagens de corpos infantis podem influenciar na construção do corpo pela própria criança.

Foram selecionados 2 tipos de revistas sobre a infância num recorte do mês de junho. Escolhi, primeiramente, as revistas Crescer e Meu nenê, por serem revistas direcionadas aos pais, que projetam em seus filhos desejos como: obter a melhor profissão, melhor comportamento, melhor roupa, construindo assim, a imagem de suas crianças. O outro bloco de revistas escolhidas foi voltado ao público infanto-juvenil: Atrevida e Atrevidinha, por serem revistas carregadas de imagens de crianças e pré-adolescentes, nas quais o público infanto-juvenil se espelha, colaborando também para uma compreensão da construção da imagem da criança por ela mesma. O conjunto das revistas selecionadas permite observar as imagens da infância dentro da faixa etária aqui estipulada e nos ajudam a compreender qual imagem do corpo infantil vem sendo veiculada por este tipo de mídia impressa, a qual influencia as crianças na sua construção da imagem do próprio corpo.

As imagens selecionadas seguiram alguns questionamentos para uma análise quantitativa e qualitativa das mesmas: qual o corpo que aparece, com relação à etnia e gênero; o que este corpo vende e qual a imagem de criança que ele constrói.

3. A infância

3.1 Da imagem de inocência à pedofilização

“Deixar vir a mim as inocentes”. Estas palavras de Jesus evangelizadas por São Marcos, citadas por Corazza (2002), articulam a relação entre a inocência infantil com a posição diferenciada que Jesus atribui às criancinhas.

De acordo com a autora, Jesus as chama para perto de si e como condição de salvação, estabelece que seus seguidores adultos sejam como as criancinhas. Como na visão da Igreja Católica as crianças são inocentes e desprovidas da responsabilidade do Pecado Original Humano, ou seja, o pecado da carne, elas são abençoadas.

Este sentimento em favor das criancinhas, considerando-as inocentes, não se constitui em todos os tempos. Para explicitar sobre os sentimentos da infância, me baseio nos estudos de Ariès (1981), para quem o sentimento da infância não significa ter afeição a elas, mas corresponde à consciência da particularidade infantil.

Na sociedade greco- romana, a falta de sensibilidade ao mundo da infância era explícita, pois se valorizava a figura do adulto viril, cujo corpo encarnava a força e a harmonia e, em cuja mente, predominava a racionalidade. Consideravam a infância um período irracional, marginal, imperfeito e insignificante.

Na sociedade medieval, essa consciência não existia. Na Idade Média, a imagem da criança era negativa, era igualada aos(as) servos(as) e deixada à margem dos palácios. Não havia qualquer sentimento de culpa nos adultos pelas surras, descuidos fatais, mortes, abandonos e mutilações das crianças.

O sentimento da infância é, portanto, cultural e historicamente modificado e construído. As imagens que representam a infância, os trajes a ela atribuídos, os costumes e hábitos a ela permitidos, a moral e os bons costumes da época, juntamente com os valores dos(as) educadores(as), constituem a pluralidade de infâncias estudadas por diversas áreas.

Portanto, o sentimento da infância se diferencia a cada momento histórico e isso é fortemente observado nas formas de se representar a criança ao longo do tempo.

No século XI, a arte medieval não tentava representar a infância, pois não havia lugar reservado a ela. Algumas representações em miniatura reproduziam as crianças numa

escala mais reduzida que os adultos, sem nenhuma diferença de expressão, traços e musculatura: eram homens de tamanho reduzido, pois a infância era desconhecida e desinteressante, sendo sua lembrança logo perdida.

No século XIII surge uma representação um pouco mais realista e sentimental da criança: o anjo, representado sob a aparência de um rapaz muito jovem com traços graciosos; um menino já grande, mas longe dos adultos em miniatura. Este sentimento encantador se limitou à representação do Menino Jesus ou de Nossa Senhora Menina, que serviam de modelo de criança e ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte. Já no século XIV, a criança era representada com gestos da vida quotidiana, mas apenas na iconografia religiosa.

O século XV é o século do retrato e do putto. O retrato surge como modelo de uma criança real num determinado momento de sua vida, mas como protagonistas secundários ou principais, e não com exclusividade, ou seja, elas não eram consagradas por elas mesmas, mas por estarem junto aos adultos. O putto era a representação de uma criança nua raras vezes por um retrato de uma criança real, mas sim idealizada e pintada, substituindo o anjo jovem e adolescente, acabando por desenvolver o sentimento da criança “engraçadinha”, o que evidenciava seu pitoresco.

No século XVI, tornou-se freqüente o retrato da criança morta enrolada em seus cueiros ou até mesmo vestida, representada no túmulo de seus pais. Porém, a criança representada não estava, necessariamente, morta. O que marcou este século foi o início de um sentimento da infância, pois a criancinha já passou a ser representada por ela mesma, ou seja, ela não precisava mais do adulto como centro para ser representada secundariamente.

Já no século XVII, os retratos da criança sozinha se tornaram numerosos e comuns e os retratos de família tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição, com cenas de infância do quotidiano: lendo, desenhando, brincando e registrando seus vocabulários e expressões. Nos fins desse século, a criança real na nudez decorativa do putto se tornou uma convenção rigorosa nos retratos de criança. Portanto, conclui-se que a alma da criança passou a ser valorizada a partir dessa época.

Esta valorização da alma da criança ocorreu devido aos seguintes fatores: Primeiramente, ocorreu uma cristianização mais profunda dos costumes da época, colaborando para um surgimento de um espírito de benevolência e para um aumento da

maturidade emocional dos pais. Os moralistas e os homens da Igreja do período viam as criancinhas como inocentes, como puras criaturinhas de Deus, que necessitavam de ter sua inocência preservada. Com isso, aumentaram-se os cuidados físicos reservados a elas como práticas de higiene e aplicação de vacinas, o que provocou uma redução da mortalidade infantil e dos infanticídios tolerados.

Um outro fator importante foi o surgimento de um sistema de educação com preocupações pedagógicas. Seus argumentos eram de que as crianças eram seres frágeis, indivíduos morais e racionais, que precisavam ser educadas, vigiadas e corrigidas, aumentando, assim, as preocupações com seus futuros, o que hoje, não é muito diferente, como veremos em outro momento deste estudo.

Por fim, o que também influenciou uma significativa valorização da alma da criança foi a mudança na estrutura familiar a partir do século XVIII, devido a uma extensão das práticas contraceptivas, diminuindo o número de filhos(as) por casal e, conseqüentemente, aumentando os cuidados com os mesmos.

O século XIX marca a substituição da pintura pela fotografia, mas o sentimento da infância não muda, um sentimento de pureza e ingenuidade determinado à criança desde o século XIII.

Porém, segundo Felipe e Guizzo (2003), com o surgimento de novas tecnologias nos séculos XX e XXI, como os meios de comunicação e a Internet, tornou-se mais fácil a substituição da imagem da pureza e ingenuidade da criança por imagens infantis extremamente erotizadas e vendidas como objetos a serem consumidos, principalmente em relação às meninas, processo que chamamos de “pedofilização” da sociedade, causando as práticas sádicas com crianças ou contemplações de fotos sensuais, prostituição, estupro e incesto.

Além disso, esses meios de comunicação permitem o acesso infantil a informações do mundo adulto, afetando drasticamente as vivências infantis, acarretando uma crise da infância contemporânea. Essa crise provoca uma mudança de valores infantis, pois as crianças têm sido alvo de um forte apelo comercial, sendo descobertas como consumidoras de brinquedos, vestuários, acessórios, produtos de higiene e limpeza, alimentos, livros, revistas e até espaços a elas direcionados como supermercados e shopping que dispõem de lugares específicos para elas ficarem enquanto seus pais vão às compras.

Segundo Steinberg (apud Felipe e Guizzo 2003), as crianças estão à mercê das “pedagogias culturais”, ou seja, sob construções de idéias, valores e comportamentos que veiculam discursos e imagens que podem produzir efeitos de verdade no comportamento de crianças e adultos(as) e até nas formas de olhar e tratar o próprio corpo, produzidos por revistas, propagandas, televisão, Internet etc.

A transformação dessa pedagogia cultural para uma pedagogia de emancipação deve ser uma preocupação dos professores(as), pois as imagens construídas estão carregadas de sentidos e constroem identidades que fazem parte dos jogos políticos interessados em nos ensinar como devemos agir e que hábitos podemos cultivar. Isso colabora para um processo de alienação e manutenção da ordem vigente.

Em junho de 1996, uma campanha publicitária de uma empresa de laticínios mostrava um grupo de crianças fantasiadas de bichinhos trazendo caixas de leite, iogurtes em pote ou garrafa, vestidos de mamíferos como panda, elefante, porco, macaco, vaquinha, foca, urso, leão, gato, cachorro e rinoceronte. Essa campanha foi inspirada nos cartões-postais e pôsteres de 1994 nos EUA, que divulgavam mensagens ecológicas, como: Please save the lions. (Por favor, salvem os leões).

Enquanto crianças se vestem de bichinhos, apelando para a salvação dos mesmos, agências de publicidade investigam sobre os desejos de compra dessas crianças, sem o menor intuito de “salvar” a infância. As crianças dessa geração podem tudo: selecionam seus programas de tevê sozinhas; decidem sobre a marca e equipamentos do computador; escolhem suas roupas, cds, lanches e leituras; vão a festas, acampamentos e viagens sozinhas; e extrapolam o mundo dos brinquedos, influenciando nas decisões de compra de toda a família. Isso poderia ser considerado positivo à medida que atribui à criança um caráter de emancipação, mas o apelo comercial voltado a ela faz com que a infância seja perdida e irreconhecida.

3.2 Considerações sobre gênero

“O traje da época comprova o quanto a infância era tão pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição.” Ariés (1981, p. 69).

Segundo Ariés (1981), a partir do século XVII a criança nobre ou burguesa tinha traje reservado a sua idade, diferente dos adultos, porém, apenas para as crianças do sexo masculino, pois o traje representava as etapas de crescimento que transformava a criança em homem. Essa preocupação com o traje também marca um momento muito importante na formação do sentimento da infância, apesar de ser um rótulo da hierarquia social, pois cada um usava o traje de sua condição social: as crianças da classe popular continuavam a usar os mesmos trajes dos adultos.

Esta consideração sobre o traje das crianças é apenas um dos fatores que demonstra que o sentimento da infância beneficiou primeiro os meninos.

Um outro fator importante que beneficiou os meninos foi a educação, pois as meninas persistiram no modo de vida que as confundia com os adultos, tendo começado a frequentar colégios mais tarde e lentamente que os meninos, apesar do acesso à educação ser restrito a uma parte da nobreza.

Fazia parte da educação dos meninos de um ano e meio do século XVII a representação dramática, a música e a dança, que eram praticadas nas festas de Reis, no Natal e no Dia dos Santos Inocentes, quando se misturavam aos adultos.

Apesar desse convívio com os adultos, pois naquela época não havia uma separação de jogos, brincadeiras e festas de adultos e crianças, os meninos também brincavam com brinquedos hoje considerados de criança: gostavam de recortar papel, ouvir histórias, jogar cartas e surpreendentemente, brincar com bonecas e bonecos. Também era comum os meninos se fantasiarem de meninas para brincar ou representar alguma peça.

Havia uma estreita relação entre a brincadeira e a cerimônia religiosa comunitária. Com o tempo, a brincadeira se libertou de seu simbolismo religioso, perdendo seu caráter comunitário e tornando-se profana e individual, sendo cada vez mais reservada às crianças.

Essa ambigüidade das brincadeiras infantis explica por que, do século XVI até o início do século XIX, a boneca serviu às mulheres elegantes como manequim de moda: a maioria das bonecas de coleções não eram brinquedos de criança, e sim, bonecas de moda.

Para Joan Scott (apud Fraga 2000), o termo gênero passa a ter maior visibilidade por volta do final do século XX, por intermédio do movimento feminista americano.

“Gênero refere-se ao modo como as chamadas ‘diferenças sexuais’ são representadas ou valorizadas, refere-se àquilo que se diz ou se

pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”.(Louro, 2000, p.26).

Esta mesmo autor destaca que gênero é uma produção de identidades de homens e mulheres na teia de relações e práticas sociais, produzindo também as formas como as instituições sociais são organizadas e percebidas. Assim, presume-se que as identidades culturais são imposições naturais determinadas hereditariamente para cada gênero, a partir das diferenças anatômicas. Esse paradigma permite concluir que as condutas sociais sejam naturalizadas. Dessa forma, confunde-se o “ser progenitora”, capacidade biológica de gerar um filho, com o “ser mãe”, identidade social que cuida e educa um ser.

De acordo com Fraga (2000), a partir desse conceito de gênero, estereótipos são criados e condutas são estabelecidas para se rotular um indivíduo como um ser masculino ou feminino.

E até hoje, apesar do movimento feminista estar sendo mais reconhecido como movimento social e garantindo mais espaços e direitos a favor das mulheres, ainda cultivamos valores de uma sociedade machista, em que o preconceito contra a mulher ainda persiste, apesar de se manifestar muitas vezes de forma sutil, num jogo de liberação e repressão, sem o uso de forças, mas de pequenas atitudes e palavras que vão reforçando verdades preconceituosas.

Essas verdades são “esculpidas” nos corpos de homens e mulheres, ditando regras de como devem se diferenciar a partir da roupa, postura, profissão, identidade sexual e comportamento.

A Escola é uma das instituições responsáveis por marcar nos corpos dos sujeitos a moralidade tão preservada pela sociedade. Através dela estereotipam-se meninos e meninas, cumprindo cada um o papel social esperado de acordo com seu gênero.

E como essa distinção dos modos de ser de meninas e meninos se evidencia diretamente através do corpo, a educação física é muito, ou senão a prática mais influente na construção dos modelos corporais. “É na educação física que essa distinção é salientada repetidamente” (Fraga, 2000, p. 117).

Os exercícios físicos se apresentam como poderoso instrumento modelador das formas. Historicamente, foram os principais meios para o disciplinamento dos corpos nas diferentes épocas.

Até pouco tempo atrás, as práticas corporais na educação física deveriam ser específicas. Era importante privilegiar nos meninos a virilidade, e às meninas era necessário manter a delicadeza e fragilidade. Os horários e os conteúdos das aulas de educação física eram diferentes para cada gênero.

Atualmente, há uma proposta de se realizar as aulas num sistema de co-participação. Dessa forma, as aulas são mistas, contendo atividades em comum para os meninos e as meninas, independente se as manifestações corporais trabalhadas são do universo cultural masculino ou feminino. Assim, todos jogam futebol à medida que praticam ginástica rítmica, por exemplo.

Mas, segundo Fraga (2000), nem sempre o regime de co-participação abala a polarização masculino/feminino. Em sua pesquisa nas aulas de educação física com uma turma de oitava série da Escola Maria Fausta numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, ele observou, dentre outras atitudes, a resistência dos meninos contra a participação das meninas nos jogos de futebol; e as frases preconceituosas contra um menino que levou a sério as aulas de ginástica rítmica.

As dificuldades de desconstruir esses paradigmas estão fortemente presos a uma rede de interações sociais e relações de poder, nas quais a mídia tem grande participação.

A mídia reforça essa construção de preconceitos acerca do gênero. No futebol, por exemplo, os jogos da categoria masculina são hipervalorizados, sendo transmitidos nas rádios e TV durante o ano todo, mesmo que a qualidade dos jogos esteja abaixo do esperado. Já o futebol feminino, mesmo possuindo times de níveis mais altos do que o masculino, tem pouco ou nenhum espaço reservado na mídia. E pelo fato da ginástica rítmica ser uma modalidade oficialmente institucionalizada exclusivamente para as meninas, sua prática pelos meninos é encarada com preconceito.

Com o incentivo da mídia e o aval de outras instâncias da sociedade, os paradigmas construídos são facilmente observados pelas frases e atitudes preconceituosas principalmente em um ambiente como a escola, onde meninos e meninas passam maior tempo em convivência. Por isso é muito importante que a escola seja um espaço que lute para a desconstrução desses preconceitos e para a construção de valores como respeito e coletividade.

3.3 Adolescente ou Criança?

De acordo com Fraga (2000), a adolescência, antes do século XVI, era confundida com a infância, sendo que esta poderia se prolongar até os 24 anos de idade. Isso devido à pouca importância atribuída aos processos biológicos para se definir os períodos de vida, o que atualmente se tornou “natural”. O indivíduo deixava de ser criança a partir do momento em que se tornasse independente, ou seja, fosse capaz de “se virar sozinho”.

Na idade média não havia a precisão de anos, meses e dias. A infância ou a juventude eram termos que marcavam etapas da vida assim como uma ampulheta marcava as horas do dia, tornando os períodos imprecisos e longos.

Apoiando-se na idéia fundamental de natureza, sobre cada idade era atribuída uma causalidade universal, sendo algumas delas: estações do ano-já se passaram vinte primaveras-, número dos planetas conhecidos e até signos do zodíaco.

As ocupações também já significaram mudanças. No século XVI os estudos eram ocupações dos mais velhos, assim como o momento de servir ao exército.

De acordo com (Fraga, 2000 p. 54) “A noção de adolescência começa a se constituir no início do século XX com o surgimento de um discurso que vai amarrar a idade cronológica a um modo de ser adolescente”.

A adolescência se transformou em idade favorita no século XX por se acreditar na alta capacidade de contestação e transformação do(a) adolescente numa época quando o sentimento de descrença política e social impregnava nas sociedades, devido a esse século de guerras, invasões e mortes.

Porém, essa fase é “rotulada” como um tempo-problema, carregado de transgressões, na qual não fazem mais sentido os sonhos e as brincadeiras de criança e o mundo adulto ainda é um mistério. Aos adolescentes é atribuída uma incapacidade “natural” de enfrentarem “problemas de adulto” ao mesmo tempo em que a sociedade os cobra com atitudes de quem não é mais criança como, por exemplo, trabalhar fora se a família passa por dificuldades financeiras, o que às vezes atrapalha o adolescente nos estudos.

Segundo César (1999), foi criada uma imagem de delinquência juvenil, caracterizada pelas transgressões circunscritas por meio de um recorte de gênero e sexualidade, sendo os garotos de comportamento mais difícil, portanto, mais propensos à delinquência, embora esse comportamento fosse esperado pela própria sociedade.

“A transgressão dos rapazes foi descrita através da desordem social, isto é, os pequenos furtos, a bebida, o cigarro, a ociosidade e a prática do onanismo, enquanto para as garotas a transgressão foi demarcada pelo exercício ilícito da sexualidade... a iniciação sexual fora do casamento foi vista como a porta de entrada de repetição do vício”.(César, 1999, p. 21)

A denominação adolescente e pré-adolescente, portanto, não é determinado cronologicamente, mas sim, a partir de critérios sociais e culturais.

O prolongamento da fase da adolescência é paralelo ao aumento dos anos de vida escolar, estabelecendo um processo de transição indeterminado. Com isso, o jovem que não consegue sair da escola apto a se manter sozinho financeiramente, é considerado adolescente. Isso significa que os limites que separam o(a) adolescente do adulto é, em alguns casos, estritamente social, baseando-se em critérios financeiros e não biológicos ou psicológicos.

Com isso, segundo Fraga (2000), as diversas instituições passam a atribuir sentido ao ser criança e ser adolescente, estabelecendo as bases de uma “pedagogia cultural” contemporânea, ou seja, uma pedagogia que se refere à idéia de que a educação ultrapassa as barreiras da escola, expandindo para onde o poder se organiza e se exercita: TV, filmes, revistas, jornais, livros, anúncios, esportes etc.

A criança, bombardeada através das imagens veiculadas pela mídia e dos discursos sociais, absorve os valores dos adultos desde cedo. Isso faz com que as crianças antecipem a adolescência e que o adolescente antecipe a vida adulta, como se fosse essencial buscar os ideais de pessoas mais velhas, vestindo-se, comportando-se e criando necessidades que ultrapassam os limites da idade.

A criança já é preparada para uma adolescência impregnada por marcas sociais. Marcas de uma conduta social preestabelecida pelos paradigmas criados pelas instituições interessadas em manter seja a criança, o adolescente e o posterior adulto sob domínio do

poder e da “ordem” social. Para isso, quanto mais a sociedade impregnar na criança cada vez mais jovem os valores da sociedade vigente, mais difícil será uma transformação social, garantindo a hegemonia do atual poder.

3.4 Sobre a sexualidade infantil

A moral e os bons costumes da atual idade contemporânea exigem que diante das crianças os adultos se abstenham de qualquer alusão a assuntos sexuais. Esse sentimento era bastante estranho à antiga sociedade. Segundo Ariés, o pênis, a ereção, a vagina e as nádegas eram palavras comuns a que as crianças se referiam com frequência, sem nenhum pudor, até os sete anos de idade, quando já eram consideradas adultas. Os pais, os(as) criados(as) e demais adultos(as) se divertiam com a associação das crianças às brincadeiras sexuais, que não chocavam o senso comum por não haver qualquer intenção picante.

Além disso, também era comum o contato físico: os adultos manipulavam os órgãos sexuais dos pequenos(as); crianças do mesmo sexo ou do sexo oposto dormiam na mesma cama ou dormiam junto a seus pais ou criados(as).

Apesar desse despudor relacionado à criança na época, esta era considerada um ser inocente, pois se acreditava que a criança, antes da puberdade, fosse alheia e indiferente à sexualidade. Portanto, os gestos e alusões não teriam consequência para a criança, pois perdiam sua especificidade sexual.

Atualmente, os contatos físicos descritos nos parecem beirar a anomalia sexual e ninguém ousa praticá-los publicamente, pois a atitude diante da sexualidade e a própria sexualidade varia de acordo com o meio, a época e os modos de pensar. “A sexualidade em nosso tempo assumiu o caráter da verdade mais profunda a respeito de nós mesmos” (Fraga, 2000, p.131).

A sexualidade hoje se tornou sinônimo de identidade de um sujeito, como se fosse o segredo mais bem-guardado, um mistério indecifrável que determina papéis sociais amarrados por um discurso que normatiza um modo de ser universal para os sujeitos masculinos e femininos, baseados nas características anatômicas de cada gênero. Essa lógica afirma que, primeiramente, o sujeito nasce com o seu gênero, e depois, “obtem” sua

heterossexualidade, construindo o paradigma que gênero e sexualidade estão obrigatoriamente vinculados.

Essa verdade absoluta a que a sociedade está imposta é reforçada pelo silêncio que até hoje vigora sobre o tema. Discutir sobre esse “assunto proibido” significaria colocar em risco a tão “harmoniosa” instituição familiar, pois os valores dos papéis sexuais atrelados aos papéis sociais, como a relação homem /pai e mulher/ mãe, seriam questionados, o que acabaria também resultando na abertura de um espaço de discussões sobre relações homossexuais, bissexuais e transexuais, consideradas “anormais” na sociedade.

A Escola, a Família, a Igreja e a Medicina mascaram o silêncio sobre a sexualidade limitando as discussões com assuntos relativos a questões fisiológicas da puberdade, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Portanto, outras discussões importantes se tornam proibidas como masturbação, prostituição, orientação sexual, violência sexual, como se esses temas perturbassem a “ordem natural” da sociedade. Portanto, como diz Fraga (2000), passa a ser necessário controlar a sexualidade das pessoas, decretando relativo silêncio para dominar seus desejos e inquietudes.

Se a sexualidade já é um tema cercado de preconceitos e medos, esse tabu se torna ainda mais forte quando se trata da sexualidade infantil. A criança não é assexuada. Sua sexualidade é fruto das experiências que vão construindo sua própria forma de sentir o corpo. Porém, os dogmas da Igreja, a Família e a Escola contribuem para um ainda maior silêncio sobre o tema com as crianças.

Atualmente, é possível observar o paradoxo existente com relação à sexualidade das crianças: ao mesmo tempo em que o silêncio é ainda maior no universo infantil, a exposição e erotização de seus corpos são cada vez mais banalizadas principalmente pela mídia.

De acordo com Veet Vivarta (2003), que coordenou a Série Mídia e Mobilização Social com o tema Os Meios de Comunicação e a Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, o silêncio em torno da sexualidade reforça a comercialização do corpo da criança pelo crime organizado da prostituição infantil e pelos(as) exploradores(as) que se utilizam da Internet para expor fotos sensuais em sites de pornografia infanto-juvenil. A Internet ampliou os chamados clubes de pedofilia e o comércio de pornografia, pois é um

meio de fácil ocultação, ou seja, os(as) criadores(as) dos sites dificilmente são identificados.

O abuso e a exploração sexual contra as crianças são reforçados pela supervalorização estética e erótica do corpo jovem, principalmente feminino, exposto diariamente nas revistas, programas de TV, outdoors, novelas e filmes.

O aumento do número de imagens utilizadas, devido ao seu poder de sedução, acaba por influenciar diretamente na educação das crianças e, conseqüentemente, nos seus modos de se vestir, agir e pensar. Tomo como exemplo para ilustrar esse fato as mulheres que expõem seus corpos à lógica da mercadorização, como a dançarina Carla Perez, que mantinha um programa infantil exibindo seu corpo malhado, esculpido e lipoaspirado, em mínimas roupas que expunham suas pernas e barriga e evidenciava os seios. Utilizando-se dessa imagem, vendia produtos intitulados de “Carla Perez” como sandalinhas, bolsinhas e CDs, acabando por influenciar as meninas nos modos de se vestir e agir, pois elas vão se inspirar no modelo de mulher da marca que vestem. Mulher que expôs seu corpo nu em uma revista de público masculino e que dança músicas cujas letras e movimentos insinuam o ato sexual.

A partir desse fato banaliza-se a sexualidade e a erotização precoce, que acaba se naturalizando debaixo dos olhos dos pais, das autoridades e das escolas.

Não é por acaso que, segundo dados da Unicef da mesma série Mídia e Comunicação Social, cerca de um milhão de crianças e adolescentes por ano no mundo são vítimas de violência sexual, sendo a maioria dos casos contra mulheres entre sete e dezessete anos.

Apesar disso, deve-se considerar que na sociedade é prevalecida a visão maniqueísta de que a mulher é frágil e dócil, devendo preservar sua “pureza” e que o papel natural do homem é se impor como “caçador” dessa “presa” submissa. Isso faz com que a oferta do corpo feminino para a realização dos desejos masculinos possa ser vista com naturalidade e sua aceitação pelo homem é esperada, ainda que caiba à mulher o papel de se “preservar”, de acordo com Vivarta (2003).

Quando essa idéia cristaliza-se na cultura de uma população, ampliam-se as condições favoráveis para atos de violência e exploração de mulheres, sejam crianças, adolescentes ou adultas. A prostituição, portanto, passa a ser vista como imoral, mas

necessária. Os homens que recorrem a uma prostituta têm seus comportamentos justificados como impulso sexual natural, mas as mulheres que comercializam seu corpo são condenadas socialmente e consideradas anormais.

O termo “prostituição infantil” é polêmico, pois a prostituição é exercida a partir da escolha consciente de adultos que conhecem as consequências de comercializar o próprio corpo. Mas será que nessa atual antecipação da “adultização” do corpo infantil, as crianças são mesmo inconscientes de suas escolhas ou são influenciadas a cometerem as mesmas estando ciente delas?

Na pedofilia, o(a) explorador(a) apresenta fantasia e excitação sexual com bebês e crianças. Segundo Vivarta (2003), considera-se pedofilia casos praticados por indivíduos a partir de 16 anos, pelo menos 5 anos mais velhos(as) que as vítimas. Não necessariamente há penetração, pode se manifestar por carícias disfarçadas em gestos comuns ou contatos com partes íntimas do corpo infantil.

Observa-se que as crianças são vistas como incompetentes e incapazes, o que faz com que o adulto tome para si o direito de impor-lhes suas vontades, tomando-as como propriedades para moldar-lhes o caráter, interesses e opiniões, concluindo que o termo “prostituição infantil” não é adequado, sendo mais apropriado o termo “exploração sexual infantil”. Porém, esse “adultocentrismo” influencia a pedofilia e os casos de violência sexual contra as crianças, pois se é possível moldar-lhes suas opiniões, considera-se também que elas possuem menor credibilidade do que um adulto.

Além dos fatores de gênero e de faixa etária, pois as mulheres e crianças sofrem mais com a violência sexual por serem mais fracas, há também fatores econômicos ligados a esse tipo de violência. Famílias de classes menos favorecidas são muitas vezes coniventes com a comercialização do corpo da criança, por ser mais uma fonte de renda a colaborar com as despesas da família que vive às margens da pobreza.

É absurdamente comum que, devido a erotização precoce do corpo infantil já mencionado acima, a criança se torne culpada pela violência sexual de que sofre ou foi sofrida, ainda mais por seus relatos serem considerados fantasiosos e imaginários como também destaquei. O adulto a culpa por sedução ou consentimento, o que faz a criança “perder” a imagem inocente da infância, passando a ser vista como responsável pela violência sexual, passando de vítima a réu.

E quanto mais se tratar a sexualidade como um tabu, menos se discutirá sobre ela e mais se reforçará o tom educativo das imagens que influenciam as crianças a uma erotização precoce do próprio corpo, corroborando para a “legalidade” das práticas de pedofilia e violência sexual infantil.

3.5 A educação das crianças

Mas por que e para que educar um ser perfeito e modélico? Quais eram as necessidades práticas para que, desde o século XVII, fosse constituída para as crianças a Escola universal e obrigatória?

O principal argumento religioso para educar as criancinhas é que, embora sejam essencialmente boas, o mundo é mau e as tenta com seus perversos exemplos e corrupções crescentes.

De acordo com o discurso da Igreja Católica, apesar da inocência atribuída às crianças, estas participam do Pecado Original Humano, o pecado da carne, como seu produto, obtendo uma participação indireta na culpa desse pecado cometido pelos adultos/as. Assim, esse duplo eixo “inocência” e “culpa” servirá “para categorias de pensamento e práticas políticas de governo, cuja arqueologia encontra seus pontos mais fortes de inflexão no Sacramento do Batismo e na Pastoral Educativa” (Corazza, 2002 p.139), que são também utilizados pelo discurso educacional, séculos de anos depois da Bíblia, com argumentos de como e porque “educar” as crianças na escola, o que acaba por formar uma relação de poder entre o discurso religioso e a educação escolar, articulando-se também aos poderes científicos e políticos.

Sendo produto do Pecado Original, a criança tem a necessidade de ser purificada, corrigida e formada, preservando-a das tentações da vida como a sexualidade tolerada ou estimulada, sendo a escola a principal responsável pela realização desse processo. Além disso, considerando a criança um ser irracional e incapaz de tomar suas próprias decisões, ela tem de ser educada com finalidades morais, desenvolvendo seu caráter e razão para se tornar criatura racional, autônoma e individual, características básicas do nascente Estado capitalista, o que acabou por construir um novo conceito de

corpo infantil, necessário para as novas relações comerciais, para a riqueza econômica e para as formas de poder.

A escola e o colégio se tornaram, no início dos tempos modernos, um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral quanto intelectual, de adestrá-las através de uma disciplina mais autoritária e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos.

A escola, inicialmente, era exclusiva a meninos brancos da elite. As meninas eram excluídas dos colégios. Elas se casavam cedo, aos 12-13 anos, e se preparavam para a vida doméstica. Apesar de serem semi-analfabetas, tinham que ser “bem educadas”, ou seja, “bem casadas”.

De acordo com Louro (2000), aos poucos, outros grupos sociais obtiveram acesso à escola, como meninos de origens e etnias diferentes e, posteriormente, as meninas. Mas mesmo assim, a escola não deixou de exercer sua ação diferenciadora, não apenas por tornar os(as) que nela entravam distintos dos que a ela não tinham acesso, mas também por dividir internamente os que lá estavam através de classificação, ordenamento e hierarquização.

Segundo Ariés (1981), a partir do século XV, a juventude escolar foi separada do resto da sociedade, que continuava fiel à mistura de idades, dos sexos e das condições sociais. Desejava-se proteger os estudantes das tentações da vida leiga, mantendo sua moralidade e salvando suas almas.

O estabelecimento definitivo de uma regra de disciplina em toda a sociedade através do absolutismo monárquico da época conduziu a simples sala de aula ao colégio moderno, (instituição complexa com corpo docente separado, disciplina rigorosa e classes numerosas), não apenas de ensino, mas de vigilância da juventude, o que o tornou imprescindível para uma boa educação da infância e da juventude.

O castigo corporal passou a ser comum no século XV. Entre os adultos, nem todos eram surrados: as mais altas camadas sociais escapavam. Mas nenhuma criança ou jovem na escola escapava das surras, independente da classe social, confirmando que o sentimento da particularidade da infância começou pelo sentimento de sua fraqueza, rebaixando-a ao nível das camadas sociais mais inferiores.

No século XVIII, a opinião pública manifestou sua repugnância a esse regime disciplinar escolástico, surgindo a idéia de que a infância não representava uma idade servil, não necessitando, portanto, surrá-las, mas sim, reconhecê-las pela sua dignidade. A partir de então, passou-se a preparar as crianças para a vida adulta a partir de etapas. Esta foi a nova concepção de educação que triunfaria no século XIX, que acabou por prolongar a infância.

Os discursos religioso e escolar são reforçados pelo discurso científico, já que desde o século XX tudo passou a ser comprovado pela Ciência. Com o “poder da verdade”, a Ciência agora é a que dita regras e constrói paradigmas a serem seguidos pela sociedade. Ela naturaliza os paradigmas sociais, ou seja, nos faz acreditar que nascemos com uma predisposição a certas características e comportamentos, desprezando a história e a cultura do ser humano. Assim, por exemplo, a Ciência determina que ser homossexual é um desvio de comportamento “nato” do ser humano, e não uma orientação sexual como defendem os estudiosos da diversidade sexual.

Todos esses discursos formam uma rede de valores pautados nos interesses da sociedade capitalista neste século XXI, que valoriza o lucro e o sucesso a qualquer preço, a competição entre as pessoas, o individualismo acima do coletivo e uma sociedade “normal”, ou seja, branca, heterossexual, cristã e de classe média. Tudo isso para garantir o poder do sistema capitalista sem qualquer ameaça ao seu “império” e a sua “ordem” estabelecida.

Somada aos valores de todas as instituições mencionadas, há uma instituição que talvez seja a mais forte, senão a que tem o maior tempo de influência sobre a educação infantil: a família. Esta, preocupada com o mundo cada vez mais competitivo e globalizado apresentado pelas revistas, jornais, programas de televisão e Internet, passa a tomar providências sobre o futuro de seus filhos(as) cada vez mais cedo. Apesar de bebês, os(as) filhos(as) já possuem planos de previdência social e escolas especializadas em prepará-los para serem os(as) trabalhadores(as) do século XXI, valorizando a individualidade e dando ênfase no aspecto racional, material, econômico e tecnológico.

Agregado a esses valores econômicos da sociedade capitalista está o modelo de corpo “normal” que deve ser ensinado às crianças cada vez mais cedo. Segundo Louro (2000), a “rotulação” dos indivíduos nasce quando este foge da norma estabelecida. Por

exemplo: a norma é ser branco, portanto, branco não é visto pela sociedade como uma raça; mas o negro foge da norma, portanto, este sim é considerado uma raça. E assim também acontece na religião, etnia, sexualidade e classe. Essas posições de sujeito estão comprometidas com relações de poder, sendo motivo de disputas políticas. É interessante para as instituições divulgarem esses tipos de valores para, na visão deles, não haver ameaça à “ordem” estipulada. Afinal, como seria para os(as) donos(as) do poder uma sociedade onde os(as) negros(as) tivessem a mesma igualdade de poder e oportunidades, onde os homossexuais pudessem ter os mesmos direitos de qualquer casal heterossexual ou onde a classe trabalhadora pudesse ter a mesma voz de poder nas decisões do país? Não, seria muito injusto para eles tirar a concentração de poder e de renda de suas mãos. E é por isso que é conveniente manter os valores e paradigmas como estão...

3.6 A mídia também educa

“O mundo em que vivemos é constituído de imagens, não apenas as visíveis, mas igualmente as representacionais carregadas de valores, hierarquias, posições, de normas nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se, com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos”.(Navarro-Swain 2000, p. 69).

De acordo com Ribas e Pires (2005), é clara a importância das mídias - rádio, televisão, vídeo, cinema, revistas, jornais, fotografias, Internet-na construção da cultura contemporânea. É através delas que nos informamos sobre o que acontece no mundo, além de construir nossos gostos, modas e nos orientar nas maneiras de se comportar e consumir.

A mídia, utilizada no singular, refere-se ao complexo industrial e econômico que envolve diversos interesses sociais e é operado pela indústria midiática ou dos meios de comunicação de massa, segundo Ribas e Pires (2005).

De acordo com Wiggers (2005, p. 60), “os chamados ‘meios de comunicação de massa’ adquirem espaço destacado no processo de interação social, notadamente por serem os principais difusores de informações e de imagens em nossos dias”.

As mídias ou meios de comunicação de massa se articulam para eleger candidatos(as), derrubar candidatos(as) eleitos(as), produzir mitos, construir ilusões,

desconstruir sonhos e monitorar nosso dia a dia, influenciando-nos sobre o que devemos consumir e falar, falsificando nossos desejos e criando necessidades fúteis.

A principal fonte de impacto utilizada hoje pela mídia, devido ao alto grau de tecnologia alcançado pela sociedade, é a imagem. A imagem se tornou o artifício mais prático para se educar as pessoas, pois ela encanta, seduz, fantasia e ilude. Sua força faz com que o(a) espectador(a) se projete na imagem, como se ela fosse a “dona da verdade”. Uma verdade absoluta na qual todos devem se espelhar. Quem a ela não se identifica é portador de vícios e males, não correspondendo com o “ideal” apresentado pela ilustração.

A mídia, através dessas imagens, cria os estereótipos estabelecidos como “normais” dentro de valores das instituições sociais como a ciência e a igreja. A reprodução excessiva traz consigo, além da maneira ideal de se vestir e se comportar, maneiras de controlar os desejos ou até mesmo projetá-los. Fixado este estereótipo normal, cria-se ao mesmo tempo o diferente, o outro, o “anormal” que não se enquadra nos padrões das imagens veiculadas.

Os meios de comunicação reafirmam os estereótipos através de imagens veiculadas em revistas femininas, cinema, TV, vídeos, publicidade e desenhos animados, carregadas de valores e importância. Portanto, as imagens não são determinadas naturalmente, mas sim, a partir de construções sociais.

Contextualizando com o universo das revistas femininas, um dos objetos de pesquisa desse trabalho, o “culto ao corpo” é constantemente reforçado nas diversas imagens dos corpos jovens nas páginas das revistas. Elas educam as jovens leitoras a “cuidarem” de seus corpos associando atividade física com alimentação “equilibrada”, em nome da eterna juventude, reforçando que ter saúde associada à beleza é sinônimo de felicidade.

“Ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, “naturais” do viver a identidade contemporânea. Já não basta apenas ser saudável: há que ser belo, jovem, estar na moda e ser ativo”. (Figueira e Goellner 2005, p.88).

Segundo Figueira e Goellner (2005), é indiscutível o poder pedagógico que as revistas femininas exercem sobre as adolescentes, pois elas produzem e reproduzem múltiplos saberes e conhecimentos sobre atividade física, beleza, saúde e corpo, acabando por ensinar a adolescente a ser saudável, bela, ativa, atraente e moderna. As autoras dizem

sobre a revista *Capricho*: “... como um produto da mídia, ela exerce também uma pedagogia, visto que nas páginas se estruturam circunstâncias e espaços que desencadeiam aprendizagens” (p.89).

Porém, as revistas fazem questão de afirmar que as informações estão disponíveis, mas a aquisição das posturas e respectivas mudanças para se tornar uma jovem “saudável” é uma opção individual e depende do esforço, dedicação e disciplina de cada uma para construir o corpo “ideal”. Assim, transfere-se a responsabilidade para a jovem o fato de se adquirir ou não o corpo conforme os padrões expostos. Corpo que é sinônimo de identidade nesta sociedade que hipervaloriza a imagem.

Assim, as revistas femininas cumprem seu papel de mídia, pois além de informar e divertir as leitoras, forma-as em suas opiniões, influenciando-as na própria imagem corporal e nas formas de relacionar com elas mesmas. Isso porque a linguagem através da qual elas informam, não é só um recurso publicitário, e sim, assume um lugar central na construção dos sentidos através dos quais os sujeitos se reconhecem e reconhecem ao outro.

Portanto, a mídia, segundo Figueira e Goellner (2005), educa as subjetividades das pessoas. E no caso das jovens leitoras das revistas como a *Capricho* e a *Atrevida* analisadas no próximo tópico do trabalho, os significados culturais produzidos e reproduzidos dirigem-se para o corpo esculpido através, principalmente, de uma atividade física que inscreve marcas não apenas nos corpos de quem a faz, mas também nos seus jeitos de ser e de se compreender.

E esse ato de exercitar-se em nome do culto ao corpo e à boa forma atua como um marcador da capacidade que um indivíduo tem para a auto-regulação, criando um conceito de saúde atrelado a uma realização do eu.

Com isso, a atividade física é naturalizada pela mídia, como se se exercitar não fosse uma opção, mas sim, algo que está dado para todas as jovens como se fosse possível pensar em um sujeito adolescente feminino universal, evidenciando o quão “natural” deve ser a dedicação da mulher para com a construção do seu corpo.

Enfim, esses estereótipos vêm sendo construídos com a preocupação de fazer com que crianças e pré-adolescentes cada vez mais novas se enquadrem no padrão “normal”, lembrando-as a todo o momento que, “no mundo do consumo de produtos e serviços e de

afirmação do corpo como local de identidade, ser atlética, saudável e bela parece ser mesmo fundamental”.(Figueira e Goellner 2005, p.97).

É claro que a mídia não é a “vilã de todos os tempos”, ou seja, ela não é a única responsável pelas construções sociais de estereótipos e pelos preconceitos atualmente vigentes. Ela contribui significativamente para a “formação cultural” dos sujeitos na sociedade contemporânea, divulgando os valores e as verdades construídas por algumas instituições sociais como a Igreja, a Ciência e a Escola. E como a mídia é “patrocinada” por essas instituições, ela divulga para a sociedade os valores impostos, tornando-os naturais e banais e fazendo com que os discursos se tornem senso comum, sem maiores reflexões por parte dos(as) espectadores(as).

E é indiscutível que essa “formação cultural” invade o campo escolar, tornando-se relevante na cultura infantil e juvenil, como destaca Ribas e Pires (2005). A escola não deve ignorar tal influência na cultura de seus alunos, mas deve sim, abrir uma discussão reflexiva e crítica em torno da cultura midiática e do mundo imagético a fim de pluralizar os olhares e interpretações sobre essa sociedade “espetáculo”.

E no caso específico da educação física, a discussão sobre a influência que a mídia exerce na construção do corpo deve ser ampliada, a fim de sensibilizar os(as) alunos(as) para interferir no processo de reconstrução dos sentidos vindos do discurso midiático, para que eles(as) não se tornem “tiazinhas” e “ban bans” produzidos e “turbinados” em série.

4. Análise das Imagens

Este momento do trabalho é uma exposição dos resultados das imagens analisadas da mídia impressa selecionada. Primeiramente, vou expor os resultados das revistas direcionadas aos adultos Meu Nenê e Crescer. Optei por uma análise quantitativa em relação ao gênero e etnia das crianças e qualitativa para se analisar o que os corpos vendem e como as crianças são representadas, diferenciando-as pelo gênero.

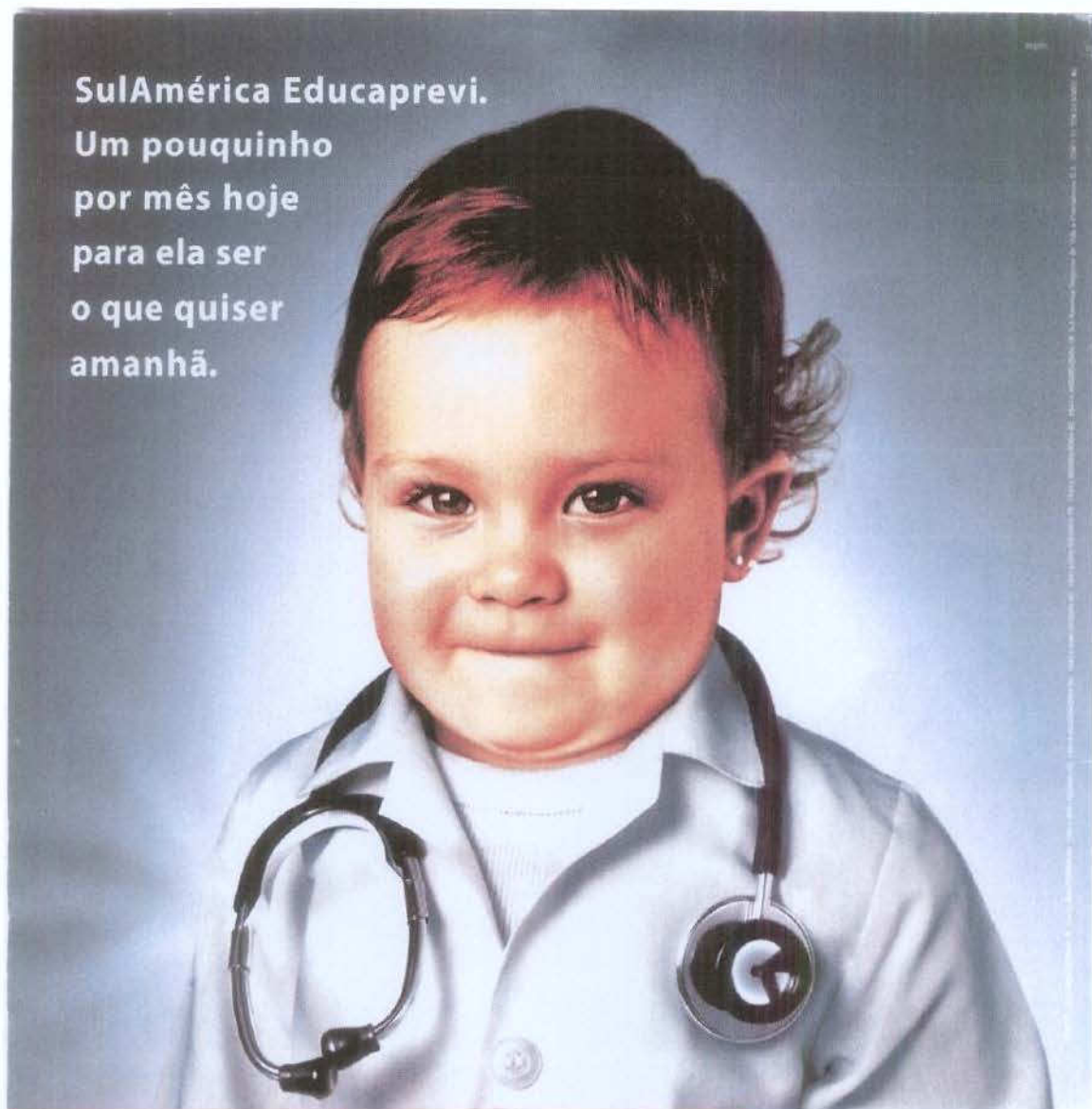
Na revista Meu Nenê da Editora Símbolo foram observadas 51 imagens de crianças, sendo todas brancas e nenhuma negra, índia ou mestiça. Já com relação ao gênero, 23 eram meninas, 20 meninos e 8 não eram identificáveis.

Na revista Crescer da Editora Globo, das 84 imagens apresentadas de corpos infantis, 76 eram crianças brancas; 7 negras; 1 mestiça e nenhuma índia. Do total, 42 crianças eram meninas e, 36 meninos, pois os outros 6 não eram identificáveis.

Para identificar as crianças através do gênero, procurei observar a caracterização diferenciadora de meninos e meninas. Nas meninas eram freqüentes brincos, fitinhas no cabelo, roupas e acessórios cor de rosa, cabelo comprido, vestidos e saias. Já nos meninos, o que os caracterizavam eram bonés, roupas e acessórios azuis, macacões e bermudas. Porém, houve momentos em que não era possível uma identificação, pois o bebê era muito novo e não havia elementos para afirmar seu gênero.

Além do modelo de corpo apresentado pelas revistas, procurei analisar o que estes corpos vendem para o público leitor. Em ambas as revistas foram observados diversos produtos: carrinhos, roupas, babadores, sabonetes, gel dental para bebês, óleos, hidratantes, chás, brinquedos, leites, escovas de dente para bebês, empresa de produtos infantis, sapatinhos, planos de previdência social, demonstrando a precoce preocupação com a profissão e o salário desses pequenos “futuros” trabalhadores e até produtos para adultos como clínicas para tratamentos de fertilidade e psiquiátrico.

SulAmérica Educaprevi.
Um pouquinho
por mês hoje
para ela ser
o que quiser
amanhã.



Figural

Fazendo um paralelo com as duas revistas selecionadas, é interessante observar os valores e preconceitos que são reforçados com as imagens veiculadas através delas, pois a maioria das imagens na revista Crescer são de crianças brancas, sendo que na revista Meu Nenê, essas crianças representam a totalidade das imagens veiculadas. É curioso observar esse fato num país onde há uma variedade de raças e miscigenações e onde a presença do negro e do índio, em menor grau, é numerosa. E como essas revistas são direcionadas ao público de classe média, e o negro não pertence ou não é reconhecido nesta classe, sua imagem é pouco utilizada, parecendo apenas um disfarce do preconceito, como se quisesse

dizer: “vamos colocar uns três ou quatro negros(as) para mostrar que não somos preconceituosos(as)”, e não porque essa raça faz parte da sociedade como as outras.

As imagens também reforçam paradigmas sociais com relação ao gênero das crianças. Os meninos já devem ir se adaptando a “fugir” da cor rosa, ao contrário das meninas, cuja cor preferida deve ser rosa, talvez para reforçar o tom de fragilidade “inato” das crianças do sexo feminino.



Figura 2

Através das imagens observadas dos corpos infantis, conclui-se que já há uma preocupação em enquadrar essas crianças no estereótipo reforçado. Dicas de roupas que devem estar na moda; alimentação que deve ser adequada para o bebê obter uma vida “saudável”, dentro do “peso ideal” e até acessórios do mundo adulto como bolsas e sapatinhos de salto recheiam os olhos consumistas de pais e filhos(as) que se encantam com as “novidades” do mercado infantil. Tudo isso sem levar em conta a necessidade de conforto da criança, supondo que ela passe grande parte de seu tempo brincando e que ela ainda se encontre numa fase de crescimento. Pelo contrário, o padrão de corpo adulto que a criança deve seguir passa a ser muito mais importante, mesmo que seu corpo se torne erotizado precocemente, assunto já discutido anteriormente.

Nas revistas encontrei matérias e anúncios que demonstram a preocupação em preparar as crianças cada vez mais jovens para uma vida adulta, como por exemplo, bebês que já nascem com planos de previdência social e poupança bancária. Há também um cuidado na hora de escolher a escola das crianças, que deve prepará-las para o trabalho e transformá-las em trabalhadoras do século XXI, baseando-se na valorização da individualidade e dando ênfase no aspecto racional, material, econômico e tecnológico. Essa preocupação precoce com o trabalho se torna visível até no brinquedo da criança, que passa a perder seu fim por ele mesmo, ou seja, torna-se um objeto lúdico para se estimular o raciocínio das crianças e suas capacidades de resolver problemas.

E cada vez mais criam-se necessidades de consumo para o “mundo infantil” e o “mundo adulto”, sendo que ambas as necessidades se encontram mais próximas, estreitando as fronteiras entre esses dois “mundos” com relação a um consumismo sempre justificável.

Neste segundo bloco de análise, apresento os resultados das imagens veiculadas pelas revistas direcionadas ao público infanto-juvenil e adolescente, sendo, respectivamente, as revistas da Editora Símbolo *Atrevidinha* e *Atrevida*, ambas direcionadas ao público feminino. Os critérios para análise foram os mesmos das revistas anteriores, acrescentado da observação das matérias realizadas a esse público, o que, apesar de não ser o objetivo da pesquisa, pareceu-me interessante analisá-las por também se referirem às marcas corporais.

É importante destacar a dificuldade existente em se definir ou identificar uma faixa etária analisada em ambas as revistas, devido tanto aos estreitos limites de identificação de

pré-adolescentes e adolescentes quanto à excessiva produção dos(as) jovens nas imagens observadas.

Na *Atrevidinha*, observei 24 imagens de jovens com média de 8 a 14 anos de idade. Destes, 23 eram brancos; 1 negro e nenhum mestiço ou índio. Dos 24, havia 22 meninas e apenas 2 meninos.

Na *Atrevida*, das 71 imagens analisadas, 69 jovens com média de 15 a 19 anos eram brancos(as) ; 1 negro; 1 mestiço e nenhum índio. Do total, 47 eram meninas e 24 eram meninos.

Fazendo uma análise em comum com ambas as revistas, a diferenciação de gênero se mostrou clara, devido ao estereótipo bem marcado por roupas e acessórios nos corpos das meninas e dos meninos, sugerindo muitas vezes o que eles e elas devem vestir e como seus corpos devem estar.

A presença do padrão de corpo é muito forte em ambas as revistas. Corpos brancos, magérrimos e cobertos por marcas de empresas que expressam os valores de uma sociedade interessada em manter o consumo sempre em alta e, conseqüentemente, manter a sociedade individualista e competitiva. E quanto mais cedo pudermos incorporar esses valores, melhor. Assim, não há melhor artifício do que começar a tatuar esses paradigmas nas crianças e adolescentes no que há de mais visível no ser humano: o corpo.

É interessante observar que, nos anúncios publicitários das duas revistas, os corpos desses jovens vendem marcas. Marcas de roupa, bolsa, tênis, sapatos, acessórios, maquiagens, cosméticos e até perfumes com o próprio nome da revista. A maioria dos anúncios chama a atenção das leitoras para o nome da marca sem evidenciar o produto a ser vendido. Mas em alguns deles observa-se uma preocupação no produto em si, como nas propagandas de xampus, estúdios de modelos, pranchas para alisamento dos cabelos e alguns cosméticos. É importante ressaltar que os acessórios e cosméticos citados eram, até algum tempo atrás, exclusivos para a idade adulta. E atualmente, existem linhas específicas para o público jovem, mas baseadas nos produtos dos adultos reforçando o processo de “adultização” do corpo infantil e adolescente.



Figura 3

Dediquei uma atenção especial ao conteúdo das matérias discutido nas revistas, a fim de observar os temas e as preocupações de cada uma com seu respectivo público, ou melhor, os assuntos que fazem com que tantas jovens fazem questão de não só comprar, mas colecionar essas leituras.

Com relação à revista *Atrevidinha*, o próprio nome já sugere que a menina que compra a revista é, ou tem a intenção de ser com a procura da revista, “atrevidinha”, ou

seja, uma pré-adolescente “madura”, “esperta” e “moderna”. Algumas reportagens evidenciam claramente esse padrão de comportamento a ser seguido: “Meu Primeiro Beijo”, “Não Sou Mais Criança”, “Maria-vai-com-as-outras... Mas Eu Não Vou”, “As mais Belas Histórias De Amor”, e “Estou Gordinha. E Agora?”

Não sou mais criança

Não adianta ficar buzinando essa frase na orelha dos seus pais. Só uma mudança de comportamento vai convencê-los de que você realmente cresceu. Quer tentar?

A hora de passar uma tarefa em frente, os pais são os primeiros a dizer: “Você não é mais criança”. Porém, basta edirmos um pouquinho mais de liberdade e a conversa muda de tom: “Você não tem idade para isso”. Ah! Essa diferença de tratamento é para evitar qualquer uma rixa de vida. Mas adianta ficar reclamando pelos cantos? Melhor que isso é tentar descobrir por que eles, às vezes, se tratam como garotinhas responsáveis, que acabam de entrar no maternal. Já em diante, fica fácil, fácil até ler mudar de opinião.

Qual é a ideia?
Renato Russo, que provavelmente foi um dos ídolos da sua mãe, já dizia: “Você me diz que seus pais não entendem, mas você não entende os pais”. O trecho da música *Paiz e Filhos*, da banda Legião Urbana, diz uma verdade em que a gente custa a acreditar. Mas basta refletir um pouco para saber quanto essa frase faz sentido. Nossos pais vivem que fazem tudo pelo

plô, com a justificativa de que estão querendo protegê-la. Mas tente se colocar no lugar deles e veja a situação de outro ângulo. Isso resolve boa parte dos conflitos.

Eu cresci, sim, senhor!
Ok. Agora você já sabe que, quando eles a impedem de sair sozinha, estão querendo protegê-la. Sabe também que eles fazem isso com a melhor intenção do mundo. Mas vale lembrar que o medo da violência não é o único motivo que possuem para dizer “não”. Muitas vezes, eles não se sentem seguros para lhe dar mais liberdade porque, apesar de se sentir madura, você não demonstra que já cresceu. Pequenas mudanças de comportamento podem fazer com que eles comecem a perceber que você merece mais respeito. É uma dose maior de confiança. Experimente:

- Quando seus pais lhe derem uma responsabilidade, não deixe de cumpri-la. Pode ser uma coisa chata, como levar o cachorro para passear. Mas eles só vão aprender a confiar em você se perceberem que dá conta do recado. Mesmo nas situações mais simples do dia-a-dia.
- Cuide das suas médias no colégio. Notas baixas serão sempre um argumento contra você. Fique esperta!
- Respeite horários. Seu pai lhe pediu que voltasse cedo da festa de uma amiga? Faça o possível para cumprir o acordo. Vai ser mais fácil convencê-lo da próxima vez.
- Quando estiver fora de casa, deixe o telefone de onde vai estar e leve o celular com você. Mesmo que esteja na casa da vizinha. Eles vão se sentir mais seguros, pode acreditar.
- Ao receber um “não”, nada de espinheirar. Pergunte por que eles estão tomando essa ou aquela atitude e tente se defender sem ofendê-los.

Respostas tortas e cadas só pioram a situação. Não tente convencer pais dizendo que todas as colegas vão viajar ou explicando que sua melhor amiga mais liberal do que simplesmente de uma companhia com elas, tente explicar aquilo significa na vida. Um simples “com as amigas não” pode ser a oportunidade que você está precisando sabafar, depois de um mês no colégio. Mas só vão saber disso se contar. Vá em frente.

Figura 4

É curiosa a forma cuidadosa de se tratar os temas com as pré-adolescentes “atrevidinhas”. Apesar de tratar de assuntos como “Meu Primeiro Beijo” e “Não Sou mais Criança”, preservam-se os valores da Família e da Igreja, em que não se deve beijar qualquer um, e sim, o “cara certo”; não se deve entrar em conflito com os pais, mas conversar com eles para provar que “não sou mais criança” e tomar “histórias de amor” como exemplo, mesmo que sejam as fictícias histórias de filme, pois a revista expõe as fantasias de “Romeu e Julieta”, “A Dama e o Vagabundo” e “Cinderela”, dentre outras.

Além das imagens que veiculam corpos magros, há uma preocupação em se tratar do assunto em reportagens específicas, como é o caso da matéria “Estou Gordinha. E Agora?”, que fornece recomendações para se obter um corpo magro, belo e “saudável”.

A presença do ídolo também é forte na revista. Cantores (as) e atores(as) são tomados como exemplos nos modos de se vestir e se comportar, assim como são pontos de referência de como se obter o sucesso. Sucesso nos estudos, no trabalho, no amor e na vida.

E tudo é válido para conseguir esse sucesso. Tomo como exemplo a história em quadrinhos nas páginas finais da revista cujo episódio foi de uma menina, Ana, que não aceitou o convite de um garoto para sair. Como ela foi grossa com ele, este acabou convidando uma garota nova da escola que aceitou prontamente seu convite. Assim que Ana soube desse convite, tratou logo de ligar para o garoto ir até a casa dela. O garoto aceitou de imediato e foi depressa encontrá-la. No final do quadrinho havia um escrito: “Final muuuuuuito feliz!”. Esta história expressa o valor da vitória a qualquer custo. Mesmo Ana não querendo sair com o menino, quando ela percebeu que estava perdendo para outra garota, reverteu a situação a seu favor e o “ganhou” novamente.

Está claro que as mensagens embutidas nas imagens, reportagens e no quadrinho expressam valores e constróem verdades que são seguidas pelas leitoras. Por isso, é importante que nós, professores(as), discutamos criticamente esses temas com nossos alunos e alunas.

A revista *Atrevida* já possui um maior número de reportagens. Percebe-se que é uma revista de alta credibilidade por parte do público adolescente, pois na sessão de cartas das leitoras, há vários elogios e pedidos de edições anteriores. A revista procura meios de aumentar a intimidade junto ao seu público, como, por exemplo, referir-se com o apelido de *Atrê*, fazendo com que se torne não apenas uma revista, mas uma amiga das leitoras. Além disso, é possível que o público faça parte das páginas da revista através de fotos ou mesmo entrevistando artistas.

A presença dos ídolos aqui é mais numerosa e enfatiza a figura masculina, o que faz a revista manter uma ligação mais forte com os programas de TV, as novelas, seriados e filmes. Os garotos das reportagens são idolatrados não só pelos seus “corpos esculturais”, mas também por serem famosos por suas atuações nos meios de comunicação, o que os torna “perfeitos” para as garotas desejarem possuí-los e tomá-los como modelo ideal de homem.

As reportagens demonstram a excessiva preocupação com a figura masculina: “Namoros e Rolos”, “O Que A Menina Não Deve Fazer No Primeiro Encontro”, “Como

Não Perder O Gato Em 10 Lições”, “Escolha O seu Tipo” e “Quer Sair Comigo?”. As matérias têm em comum a importância e necessidade de se ter um namorado. A menina deve fazer de tudo para conseguir seu namorado: convidá-lo para sair, mudar seu comportamento a fim de se “adaptar” ao “estilo” do garoto, ou até mesmo escolher um “estilo” a ser conquistado. O que importa é conseguir um namorado e agradá-lo para ele não “cair fora”. Podemos observar a expressão dos valores de uma sociedade machista em “tempos modernos”, ou seja, mesmo que a garota convide o menino para sair, o que até nos últimos anos não era uma atitude bem vista pela sociedade e ainda hoje não é totalmente aceita, o mais importante é o homem, a mulher deve satisfazer e agradar o “seu” homem, para tê-lo sempre por perto.



Figura 5

A erotização dos corpos dos(as) jovens(as) é reforçada pelas imagens da revista quando se observa as roupas utilizadas nas fotos que, com a ajuda da postura “moldada” para um “melhor” ângulo de captação pelas lentes fotográficas, fazem questão de evidenciar partes desses corpos como barriga, pernas e seios.

Há também uma preocupação maior do que a revista anterior com relação ao padrão de corpo. Para atingir o corpo mais magro, a pele mais lisa e marcar na pele as maiores

“tendências do momento”, as dicas são diversas: “Agora É Moda”, “O Barato Da Moda”, “É Hora De Hidratar”, “Acerte Na Cor”, “Fio A Fio”, “Toques E Truques” e “Tudo Em Cima”. Tudo é ditado pelas tendências da moda: as cores das unhas e dos cabelos, os modos de se alisar os cabelos rebeldes ou de domá-los os e como manter a pele sempre limpa.

É importante ressaltar também o cuidado que a revista tem de não privilegiar a classe alta da sociedade, já que a maioria da população e, conseqüentemente, do público que a consome é de classe média. Isso fica evidente na sessão de moda “O Barato Da Moda”, em que os produtos expostos são das lojas ditas populares do Brasil, como C&A, Renner e Pernambucanas. Essas lojas, por não venderem uma marca específica de grife, possuem preços mais baixos, mas com compatibilidade de estilos, cores e acessórios que a moda do momento exige.

Como a revista atinge um público mais velho do que a *Atrevidinha*, as possibilidades para se moldar o corpo tornam-se maiores. É possível agora propor dietas mais rigorosas, pois os alimentos que há poucos anos antes eram necessários devido ao crescimento, nesta etapa da juventude não são mais essenciais para este fim, já que o crescimento está sendo finalizado ou já se completou. Tomo como exemplo a sessão “Tudo Em Cima”, que afirma quais os alimentos corretos para consumir e não engordar, propõe uma escolha de alimentos de baixas calorias aliada à prática de alguma atividade física e garante a hora certa de uma intervenção cirúrgica no corpo, como a prótese de silicone.

A justificativa para esse “cuidado” com o corpo não se baseia no discurso da qualidade de vida, que defende uma prevenção contra o sedentarismo e alimentação inadequada, que leva a doenças cardiovasculares. A intenção é tatuar no corpo as marcas do “belo” que se torna sinônimo de “saudável”, mantendo um corpo “perfeito” e uma vida “equilibrada”. Mesmo que para isso a jovem se prive de comer o que gosta e fazer o que deseja, sendo até mesmo capaz de arriscar sua própria vida deixando de comer ou se submetendo aos riscos de intervenções cirúrgicas.

Assim, manter o corpo dentro dos padrões se torna uma regra de sobrevivência para as jovens. E, para elas, as privações para se conseguir um corpo fantasiado pelo “mundo das imagens” são além de naturalizadas, motivos de orgulho. O sacrifício se torna algo positivo. E na maioria dos casos, a educação física se vende para colaborar com esse

paradigma de padrão de corpo, tanto para as meninas que sonham com um corpo magro, quanto para os meninos, que supervalorizam um corpo inflado por músculos.

É fundamental que nós, professores(as) de educação física, responsáveis por um trabalho que lida diretamente com o corpo, levantemos essas discussões com nossos alunos e, principalmente alunas, possibilitando-lhes uma leitura crítica desses valores que são marcados no corpo para a população manter uma vida “equilibrada” em todas as atitudes e escolhas da vida.

5. Considerações finais

Depois de analisar as imagens das crianças e adolescentes tão expostos pela mídia sob o silêncio que então se torna sinônimo de consentimento da família, da escola, da ciência e das autoridades, me pergunto se não estamos voltando ao tempo onde as crianças eram representadas como adultos. Só que agora, diferente do século XVII quando suas imagens evidenciavam corpos de adultos em miniatura, representadas pelos valores, roupas e posturas de adultos dessa sociedade movida por interesses consumistas e individualistas.

As imagens de crianças e adolescentes que observo nas revistas, na televisão e nos outdoors estão, na maioria das vezes, relacionadas à venda de alguma marca reforçada pelo padrão de corpo que esses corpos também estão vendendo e reforçando, constantemente uma série de preconceitos.

Enfim, a infantilidade sempre foi historicamente construída pelos julgamentos e discursos dos médicos, da família, da Igreja, da Escola e do Governo. Só não voltamos os olhos para a criança em si e o que ela fala dela própria.

A infância vem sendo inventada e desinventada, construída e desconstruída e até desaparecida. Espero que ela seja verdadeiramente assumida, efetivada e praticada, que se fale da criança, e não da criança-filho(a), da criança-aluno(a), da criança-exemplo, da criança-consumidor(a) e da criança-adulto(a). Ela deve ter uma identidade, e não ser instruída a obter uma identidade adulta.

Digo o mesmo sobre a adolescência, que deve ser igualmente respeitada sem ser taxada de problemática. Deve-se buscar a particularidade da adolescência sem “adultizá-la” precocemente, já que ela vem se estendendo devido ao encurtamento da infância a fim de preparar o(a) jovem para uma vida adulta cada vez mais cedo.

É fundamental que nós, professores(as), repensemos o corpo a partir de uma lógica que priorize uma educação que compreenda as expressividades, os gestos, os movimentos e os significados do corpo infantil e adolescente para assim, tentarmos pelo menos fazer com que a sociedade se pasme com as imagens veiculadas pela mídia e as ressignifique a partir de um olhar crítico e transformador.

Penso se, no caso da educação física, nós professores(as) teremos que resgatar a infância ensinando as crianças a brincar durante as aulas, já que as imagens observadas

nesse trabalho não traziam crianças brincando, fato que se observa em casa entre a família ou entre os(as) amigos(as). O brincar se transformou em consumir e se produzir.

Não devemos esquecer, porém, que existem crianças em situações de crise, seja guerra, miséria ou desastre natural, dos quais elas são as maiores vítimas, de acordo com Salgado (2000). Não têm condições de compreender por que são expulsas de suas casas, por que moram em uma favela, por que lutam por um pedaço de terra ou por que não são respeitadas por pertencer a uma tribo.

Assim, enquanto alguns pais se preocupam com o melhor plano de previdência para seus bebês...



Figura 6

Outras crianças lutam por um prato de comida para sua única refeição do dia.

Enquanto alguns pais lutam para seus(as) filhos(as) estudarem na melhor escola para conquistarem a melhor profissão...



Figura 7

Outros pais lutam pelo direito de pelo menos seus(as) filhos(as) freqüentarem uma escola independente de sua cultura.

Enquanto algumas crianças possuem um tratamento digno de seus direitos...



Figura 8

Outras possuem a esperança no olhar de quem sabe um dia serem respeitadas e adquirirem seus direitos de criança.

6. Referências bibliográficas

- ARIÉS, Phillipe. "A história social da criança e da família". Rio de Janeiro: Foliada, 1981
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. " Da adolescência em perigo à adolescência perigosa". Revista Educar em Revista, n.15. 1999. p.17-31
- CHARLOT, Bernard. "A mistificação pedagógica". Rio de Janeiro: Zahar, 1983
- CORAZZA, Sandra Mara. "Infância e educação- Era uma vez... quer que eu conte outra vez?". Petrópolis: Vozes, 2002
- FELIPE, Jane e GUIZZO, Salazar. "Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo". Revista Pro-posições, v.14, n.3(42), set/dez, 2003. P119-130
- FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado e GOELLNER, Silvana Vilodre. "A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.26, n.2, jan.2005, p.87-99.
- FRAGA, Alex Braga. "Corpo, Identidade e Bom-Mocismo- Cotidiano de uma adolescência bem –comportada". Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes."Currículo , gênero e sexualidade". Porto Editora- Porto, Portugal, 2000
- NAVARRO-SWAIN, Tania. "O que é lesbianismo". São Paulo: Brasiliense, 2000
- RIBAS, de Oliveira Márcio Romeu e PIRES, Giovani de Lorenzi. "O primeiro olhar- Experiência com imagens na educação física escolar". Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.26, n.2, jan.2005, 117-133.
- SALGADO, Sebastião. "Retratos de crianças do êxodo". São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SAYÃO, Déborah Thomé. "Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância". Revista Pro-Posições, v.14, n.3 (42)- set/dez.2003. p.67-87.
- SOARES, Carmem Lúcia. "Imagens da educação do Corpo". Campinas: Autores Associados, 2002.

VIVARTA, Veet. “O Grito dos Inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes”. São paulo: Cortez, 2003. (Série Mídia e Mobilização Social; v.5)

WIGGERS, Ingird Dittrich. “Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.26, n.3, maio 2005, p.59-78.